



Foto: Elverson Cardoso

Maria Aparecida Pedrossian: um bom lugar para viver



Foto: Laís Camargo



Foto: Elverson Cardoso



Foto: Aline Araújo



Foto: Natalia Malulei



Foto: Daniel Teixeira

União e progresso

A comunidade Maria Aparecida Pedrossian retratada pelos acadêmicos-repórteres do Curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) nesta edição do Jornal Em Foco, destaca-se entre os bairros da Capital pela sua característica de união.

Existente há quase três décadas às margens da BR 262, na saída para Três Lagoas, o bairro é um bom lugar para se viver, graças, principalmente, à organização e associação dos moradores, que unidos fazem reivindicações às autoridades públicas e conseguem solucionar muitos de seus problemas. Juntos, os habitantes da localidade conseguem ainda, desenvolver projetos sociais, educacionais, esportivos, recreativos e artísticos. Esta aposta no conhecimento físico e mental trouxe retorno evidente à população do Maria Pedrossian. Idosos, jovens, crianças e donas de casa recebem os visitantes com um sorriso no rosto, esbanjam disposição e alegria de viver. É claro que ainda existem problemas a serem resolvidos, mas vontade de progredir não falta ao povo do bairro Maria Aparecida Pedrossian.

O jornal Em Foco está comemorando três anos de edições especiais que retratam o jeito que o campo-grandense vive em suas comunidades. Desde 2006, este é 16º tablóide produzido pelos estudantes iniciantes na prática do jornalismo laboratorial, cujo tema enfoca os problemas e soluções dos bairros da Cidade Morena. Ao todo 21 bairros tiveram suas histórias documentadas nas páginas do Em Foco. Ainda este ano outro bairro vai ser focado, o Popular.

As edições em papel são um sucesso e já se esgotaram, mas é possível vê-las virtualmente nos arquivos do Jornal Em Foco postados no site: www.jornalemfoco.com.br. Então, uma boa leitura, caro leitor!

Intenso

A proximidade com a BR 262 e restrição no acesso de veículos ao bairro são problemas

Trânsito pesado preocupa

Foto: Elverson Cardoso

Camila Hundertmarck

O cruzamento das ruas Orlando Daros e João Francisco Damasceno no Bairro Maria Aparecida Pedrossian é motivo de preocupação para a comunidade. Segundo os moradores a falta de sinalização causou três acidentes num período de 40 dias. “O bairro tem só uma entrada e uma saída, por isso o movimento é constante e há maior risco de ocorrer acidentes”, conta o comerciante Paulo Roberto dos Santos, de 53 anos, que tem um bar na frente do local.

Outro problema que causa desconforto no trânsito da região é a BR-262 que dá acesso ao bairro. Todos os dias, muitas pessoas precisam atravessar a rodovia para ir ao trabalho e quando se trata disso, o medo é ainda maior pelo fato de ali ser um local propício à ocorrência de atropelamentos.

Para o militar aposentado Eguiberto Santos Dummont, de 77 anos, morador há 18 anos do bairro, o movimento in-



Acesso - Veículos só têm uma entrada e uma saída do Maria Aparecida Pedrossian

tenso de carretas e a alta velocidade dos veículos é a causa do desconforto. Dummont conta não aprovar o cruzamento feito pelo Departamento Nacional de

Infra-Estrutura e Transporte (Dnit) na BR. “Duas vias, uma subindo e outra descendo, põe em risco a vida dos pedestres que precisam atravessar a rodovia. Seria interessante se fizessem uma passagem somente para pedestres”, conclui Dummont.

Para alguns, o perigo na BR 262 é relativo e depende da responsabilidade do cidadão no trânsito. “Toda a BR é perigosa, mas as pessoas precisam se cuidar, olhar para os lados antes de atravessar. Além disso, os motoristas têm que cuidar da sua direção e da direção do outro também”, argumenta Antônio Juarez de Lima, de 49 anos. Lima usa a concepção de que a responsabilidade é mais do pedestre do que dos motoristas que trafegam diariamente por lá e completa dizendo que, com mais de 20 anos de habilitação, já viu muita coisa acontecer nas rodovias por irresponsabilidade.

Foto: Daniel Teixeira



Democrático - Carroceiros dividem espaço com veículos e pedestres na comunidade

EXPEDIENTE



Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VIII - nº 125 – Outubro de 2009 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pa. Lauro Takaki Shinohara

Reitor: Pa. José Marinoni

Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento: Conceição Aparecida Butera

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori

Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de

Almeida

Pró-reitoria de Pastoral: Pe. Pedro Pereira Borges

Pró-reitoria de Administração: Ir. Raffaele Lochi.

Coordenador do curso de Jornalismo: Jacir Alfonso Zanatta

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Cristina Ramos e Inara Silva.

Edição: Cristina Ramos, Inara Silva, Jacir Zanatta e Oswaldo Ribeiro

Repórteres: Aline Araújo, Camila Hundertmarck, Daniel Teixeira, Elverson Cardozo, Laís

Camargo e Natalie Malulei.

Projeto Gráfico, diagramação e tratamento de imagens:

Designer - Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

EmFoco On-line: www.emfoco.com.br

E-mail: pauta@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br



Foto: Renan Gonzaga

Memória - Leandro foi um dos primeiros moradores



Foto: Arquivo da Paróquia São Leopoldo Mandic (Matriz)

União - Igreja da Paróquia São Leopoldo Mandic sendo erguida com a ajuda dos moradores católicos da Pedrossian

História

Bairro tem 26 anos e foi idealizado para abrigar os servidores estaduais que trabalhariam no Parque dos Poderes

O Antigo pasto da Fazenda Rancharia

Elverson Cardozo

A história do Bairro Maria Aparecida Pedrossian, onde moram hoje mais de 6 mil pessoas teve início há 28 anos em uma antiga fazenda de Campo Grande. Pedro Pedrossian ao assumir o governo do Estado de Mato Grosso do Sul, no ano de 1981, projetou a construção do Parque dos Poderes, local onde concentraria os órgãos do governo que nessa época funcionavam em um único prédio, o antigo fórum, localizado na Avenida Fernando Corrêa da Costa, centro da Capital. O local para a construção das futuras repartições seria uma reserva ecológica afastada da maioria dos bairros.

Durante a construção, o ex-governador, engenheiro de profissão, idealizou um residencial próximo ao parque, para abrigar os funcionários públicos do Estado que no futuro iriam trabalhar no Parque dos Poderes. A ideia era facilitar o dia-a-dia dos servidores, visando a menor distância ao trabalho. Através da Cooperativa Habitacional dos Servidores Públicos do Estado do Mato Grosso do Sul (Coonisul), foi firmada uma parceria com a Caixa Econômica Federal, para

a construção do residencial, que mais tarde seria o bairro Maria Aparecida Pedrossian, nome da esposa do ex-governador.

O projeto era moderno para época: previa a construção de 1.035 casas (682 unidades de dois quartos e 353 unidades de três quartos), cada uma numa área de 52 m², sede para associação dos moradores, escola para 1,6 mil alunos, creche para 160 crianças, delegacia, área de lazer, unidade própria de água tratada e um centro comercial de 432 m², com 13 boxes para serem alugados.

Com o projeto pronto, era hora de escolher o lugar. Às margens da BR 262, a dez quilômetros do centro da cidade e só a 1 quilômetro da futura sede do governo. O pasto da antiga fazenda Rancharia foi o local escolhido para construção. Em 1982, iniciaram-se as obras, e em janeiro de 1983 foi concluída. Os primeiros moradores começaram a habitar o local em fevereiro do mesmo ano.

Os sorteios das casas eram apenas para os funcionários do Estado que haviam feito uma poupança de 12 meses na Caixa Econômica Federal. Quando foi

entregue havia pavimentação asfáltica, iluminação, rede de água tratada própria e uma linha de ônibus, que embora precária, atendia à comunidade. Em um ano, 40 famílias já habitavam o residencial. Atualmente 6.868 moradores residem no bairro, que é referência em estrutura.

Memória

O aposentado Leandro Nepomuceno, de 77 anos, foi um dos primeiros moradores, e recebeu uma casa na Avenida Orlando Daros, a principal do bairro. “Eu lembro que todas as casas tinham uma cerquinha de arame em volta. A praça não existia, era só mato, e não pertencia ao Maria Aparecida Pedrossian. Onde hoje é o Oiti, parecia uma fazenda”, diz.

Antes de participar do sorteio, Leandro foi conhecer uma amostra que haviam construído no bairro. A casa que servia como modelo tinha o banheiro e a cozinha azulejada, mas as que foram entregues não eram da mesma maneira. “As demais casas eram simples, com uma massa acrílica na parede, que dava um brilho na cozinha e no banheiro”, revela.

Hoje se orgulha do bairro em que

vive. “Eu quando mudei para cá, fiquei doido para sair, mas hoje não troco o Maria Aparecida Pedrossian por nenhum bairro de Campo Grande. É um bairro bom, com pessoas amigas”. Ele se orgulha também de ser um dos fiéis da paróquia São Leopoldo Mandic, que ele ajudou a construir. “Tudo foi construído com a ajuda dos dizimistas. Eu ajudei desde o início, em cada tijolo”.

Moradora do bairro desde 83, a cozinheira, Creuza Barbier da Silva, de 56 anos, lembra que na época muitas pessoas que foram sorteadas, desistiram de habitar o residencial. “O povo achava tão distante que muitos deixavam as chaves na porta das casas e abandonavam. Não era uma nem duas pessoas, eram muitas. Ninguém imaginava que esse bairro iria crescer tanto”, diz. Ela comemora com entusiasmo uma das conquistas ao longo dos anos. “Hoje os políticos respeitam mais o nosso bairro, porque sabem que tem muitos eleitores e pessoas bem esclarecidas”.

Projeto da Associação de Moradores e prefeitura leva esporte a meninos do bairro

FUTEBOL da PEDROSSIAN exporta CRAQUES DA BOLA

Natalie Malulei

O sol quente nas costas, o suor a escorrer pelo rosto, a bola, a areia, os adversários. Todas as tardes após a escola era esse o passatempo de Ismael Nascimento Furtado, que aos 13 anos, em um campo de areia na praça em frente ao bar de sua mãe no bairro Maria Aparecida Pedrossian encontrou o futebol como a melhor maneira de se divertir.

Foi com o auxílio do professor, Maurício Lima, de 34 anos, em um projeto social do bairro que Ismael percebeu que o esporte poderia se transformar em algo mais do que uma simples brincadeira. “Minha vontade de ir jogar fora do Estado era para ajudar a escola, tentar crescer, ajudar o Maurício”, comenta o rapaz. Hoje, aos 18 anos, joga profissionalmente no clube América do

Rio Preto no Estado de São Paulo.

Assim como Ismael, muitos meninos estão tendo a oportunidade de crescer e se aprimorar dentro deste esporte através do projeto, que apesar de ter sido iniciado e interrompido duas vezes, primeiramente por falta de capital e posteriormente por falta de professor, recomeçou há dois meses com o patrocínio da Fundação de Esporte Municipal (Funesp) e a administração da Associação dos Moradores do Residencial Maria Aparecida Pedrossian (Amape). Atualmente 110 alunos participam da escolinha.

As aulas acontecem três vezes por semana tanto no período vespertino quanto no período matutino, atendendo crianças a partir dos sete anos de idade. No início o trabalho é generalizado, depois a partir dos 13 anos, ocorre uma seleção para peneirar os melhores que passam a fazer parte de uma equipe de rendimento. “O sonho de ser jogador de futebol

está na cabecinha deles, só que isso exige um trabalho mais específico, por isso a necessidade das equipes de rendimento”, explica Maurício.

Educação

Obter notas boas na escola é uma condição estabelecida para que os alunos possam se inscrever e permanecer no projeto, o acompanhamento escolar é feito pelo professor junto com a Associação de Moradores do Bairro. A cada bimestre os alunos preenchem uma ficha com todas as notas obtidas, onde deve conter também a assinatura dos pais ou do responsável, que possibilitará ao professor analisar o rendimento de cada aluno.

Com a implantação do sistema online nas escolas públicas, o método será aprimorado, não haverá mais a necessidade do aluno completar ficha alguma, o professor poderá ter acesso às notas de cada um através do registro escolar dos mesmos, o que possibilitará a visualização do boletim de cada criança através do computador.

Foto: Natalie Malulei



Geração - Alguns dos 110 garotos que participam do projeto de futebol posam para foto no estilo dos craques profissionais



Peneira - Durante os campeonatos que participam

A ideia do acompanhamento escolar surgiu como forma de incentivo para que os alunos passem a se dedicar aos estudos e não somente ao esporte. “A educação é o mais importante e o estudo tem que ser valorizado”, exalta o presidente da Associação dos Moradores, Jânio Batista de Macedo.

Acompanhamento

É permitido aos alunos fazer testes em outros times e iniciar a carreira profissional somente a partir dos 14 anos. Isso acontece geralmente durante os campeonatos onde os clubes enviam os chamados “olheiros”, ou seja, pessoas apontadas para observar os atletas durante os jogos e escolher os que possuem maior potencial para fazer testes nos times.

Desde o período de testes Maurício acompanha o processo, visita o clube para ter mais informações sobre o funcionamento, acompanha o aluno e informa os pais da situação. “No começo dá muito problema, principalmente porque eles não estão acostumados a ficar longe de casa, mas com o tempo vão se adaptando” relata o professor.

“Embora o nosso objetivo não seja revelar craques, e sim proporcionar diversão e esporte, se os tivermos iremos cuidar deles”, explica Jânio sobre a importância do acompanhamento.



Foto: Natalie Malulei

com os jogadores da escolinha recebem a visita de olheiros de clubes profissionais do país

Para os pais ter o professor do projeto acompanhando os alunos no processo de seleção para os times profissionais garante tranquilidade. “No começo eles jogam, mas não com a intenção de ser profissional, e quando chega nessa fase a gente assusta um pouquinho,

mas a vontade é dele, ele gosta, a gente tem que entender”, expressa a comerciante, Margareth do Carmo Nascimento Furtado, de 50 anos, mãe de Ismael.

A partir do momento em que são contratados pelos clubes, os jogadores se mudam para as respectivas cidades



Foto: Natalie Malulei

Ideia - Jânio, presidente da Associação estendeu escolinha para os estudos

e só jogam pelos mesmos. Atualmente, cinco meninos que eram do projeto jogam pelo clube de São José do Rio Preto. “É gostoso você ver o fruto do trabalho, a satisfação de muitas vezes você tirar a criança da rua e ensinar, apesar de não ser bem remunerado”,

diz Maurício orgulhoso.

Meninas

Pelo fato das aulas de futebol serem direcionadas aos meninos, algumas moradoras do bairro Maria Aparecida Pedrossian reclamam por falta de espaço.

Elas alegam ser discriminação o fato de não existir um time feminino de futebol. “Eu acho um preconceito muito grande contra as mulheres, o que nós queremos é simplesmente a igualdade, aqui no bairro não tem uma equipe de futebol feminino, se quisermos jogar, temos que ir para outro lugar”, reclama Viviane Aparecida da Conceição Pereira, de 18 anos, apoiada por suas amigas: Laura Barbosa da Silva, 13 anos, Renata Luana Marques de Moura, 16 anos e Mayara Correia Teodoro, 15 anos, adeptas da mesma opinião que ela.

Por causa das reclamações, Maurício está formulando a ideia de trabalhar também com o futebol feminino, porém se preocupa em certos aspectos. “O grande problema de uni-los é a própria situação, discriminação por parte dos meninos, e o constrangimento que elas podem sofrer diante de possíveis comentários”, explica.



Foto: Natalie Malulei

Espaço - Meninas do Maria Aparecida Pedrossian reivindicam a extensão da escolinha de futebol para a categoria feminina

Jovens e adultos dedicados

Gente que estuda e educa

Daniel Teixeira

A Educação no bairro Maria Aparecida Pedrossian vai além do ensino em sala. Envolve vários programas educacionais, como música, xadrez, atletismo, circense, direcionado a alfabetização do primeiro ao sexto ano, e até campanhas de solidariedade. Mesmo com uma Escola Estadual e um Centro de Educação Infantil a comunidade reivindica ensino para crianças em idade pré-escolar.

A Escola Estadual Dolor Ferreira de Andrade possui cerca de 1,4 mil alunos, divididos entre os turnos, matutino, do sexto ano ao ensino médio, vespertino, do primeiro ao quinto ano, e noturno, ensino médio e Eja (Educação para Jovens e Adultos). Nela existem projetos como o “solidários” que trabalha a identidade pessoal, o “solidariedade”, onde os pais pedem ajuda do colégio em necessidades básicas, e existem campanhas de arrecadação de alimentos e rou-



Foto: Daniel Teixeira

Aprendizado - Crianças participam de aulas de inglês na sede da Associação de Moradores do Maria Aparecida Pedrossian

pas, e planos relacionados ao meio ambiente, esporte, e música, esses são coordenados pelos professores.

Trabalhando semanalmente, o projeto “Superação Jovem” reúne alunos acima de 12 anos, recolhendo sugestões para a escola. É um espaço para que os alunos digam o que querem, como indicação de melhora. A escola se destaca por manter uma banda musical chamada Dolor Ferreira de Andrade, que é composta por alunos e ex-alunos e é orientada por um maestro disponibilizado pela secretaria de Educação para ensaio todos os dias no fim da tarde.

De acordo com o comerciante Paulo Roberto dos Santos, de 53 anos, pai de dois estudantes, o colégio tem empenho dos professores e da diretora em querer proporcionar algo dentro do que eles dispõem, ele poderia oferecer mais, pois tem estrutura. Pensando diferente de Santos, o comerciante Claudinei Oliveira da Silva, de 42 anos, que mora no bairro há 13 anos, transferiu os filhos da escola estadual para um colégio particular também situada na região. “O ensino público é precário”, argumentou.

Um problema no setor de educação no Maria Aparecida Pedrossian é a falta de ensino infantil, pois o bairro tem cre-

che, mas não tem escola municipal. “Crianças de 5 anos que estão na creche, já deveriam estar em uma escola municipal, a creche é boa, mas escola do município é reivindicação para o bairro”, lamenta Silvia Vieira Andrade, de 39 anos, que mora no bairro há um ano e tem duas filhas de 5 e 7 anos. Ela completa “o bairro precisa de mais atenção do Estado. O ensino está muito devagar”.

Um investimento que está sendo feito na área de educação no bairro é a reforma do prédio da escola estadual, uma obra no valor de R\$ 170, 5 mil, iniciada em junho deste ano com término previsto para janeiro de 2010. A escola Dolor Ferreira de Andrade que existe há 26 anos, só agora ganhou uma quadra de esportes do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Foto: Renan Gonzaga



Pública - Na Escola Estadual Dolor Ferreira de Andrade 1,4 mil alunos recebem educação com projetos pedagógicos especiais



Foto: Aline Araújo

Formação - Jovens da comunidade fazem aula de dança de rua, um dos 24 cursos promovidos nas áreas artísticas, esportivas e de capacitação profissional

Projetos

Sede da Associação de Moradores vira celeiro da cultura, mercado de trabalho e esporte no Maria Aparecida

MORADORES + UNIÃO = QUALIFICAÇÃO

Aline Araújo

O que os moradores do bairro Maria Aparecida Pedrossian não podem se queixar é de não ter o que fazer no tempo livre. Judô, inglês, dança de rua, violão, curso de telemarketing, são alguns exemplos de atividades oferecidas aos moradores do bairro através da Associação de Moradores do Residencial Maria Aparecida Pedrossian (Amape). Hoje são disponibilizados mais de 24 cursos esportivos, artísticos e de qualificação profissional, além de outros serviços que buscam agradar desde crianças a idosos e proporcionar a oportunidade das pessoas adquirirem conhecimento e diversão.

A Família Ramires Ferraz é um bom exemplo de união. A mãe Edna Cristina Ramirez, Ricardo Ferraz, de 43 anos, é voluntária no projeto de judô realizado no bairro Maria Aparecida Pedrossian, cuida e monitora os alunos dentro e fora do tatame. Se os alunos saem da linha, vão mal na escola, brigam ou faltam o respeito com algum colega, ela tem a autoridade para suspendê-los das aulas durante 15 dias. “Aqui judô é formar uma família e toda família tem seus problemas e também soluções, vejo as crianças como meus filhos”, conta.

Entre os 120 alunos do projeto dois têm laços familiares reforçados com ela, Bruno, de 9 anos e Luana, de 12 anos, seus filhos. O judô ainda faz parte da vida do seu marido Jerson Alves Ferraz, de 45 anos, e de sua irmã Daiane Ramires Ricardo que também praticam o esporte. “O judô ajudou a melhorar minha saúde, tinha problema de asma e hoje não sinto mais”, avalia Daiane que pratica Judô há um ano. Essa família do Maria Aparecida Pedrossian representa a força que o esporte tem de proporcionar bem estar.

No esporte

Com foco em oferecer à comunidade a oportunidade de praticar um esporte, as aulas de judô no bairro começaram em 2007 quando o professor Marcos Shimabucuro, da academia Mifune, aceitou o convite feito pela Associação de Moradores do Residencial Maria Aparecida Pedrossian. Pessoas acima de 5 anos podem participar das aulas que são divididas em duas categorias para crianças e jovens no período matutino e vespertino e para adultos no período noturno.

Eram apenas três alunos e foi a Edna e a sua família que ajudaram literalmente

de porta em porta a convencer as pessoas a participarem do projeto, e assim aos poucos o projeto foi se firmando na comunidade. “A importância é colaborar com a comunidade dando atividades extras, as pessoas puderam conhecer uma atividade esportiva que abre as portas para a conquista da qualidade de vida”, afirma o professor Marcos.

Rifas, promoções e o apoio dos pais dos alunos são os principais alicerces financeiros do projeto, que em 2008 conseguiu a primeira parceria, após seleção no programa “Atleta do futuro” da Prefeitura de Campo Grande. O recurso municipal de R\$ 400 é dividido para o pagamento de dois professores. Além de Marcos também atua no projeto o professor Janser Lorimer. Os alunos de manhã e tarde pagam o valor simbólico de R\$ 5,00 mensais já a turma de adultos contribui com o valor de R\$ 20,00 e as aulas são ministradas pelo professor Anderson Okumoto.

Arte

“Quem sabe, no futuro minha filha possa passar o que aprendeu para outras crianças”, conta Orlando Cesar Pereira de Souza, encantado com a filha que participa da primeira aula de dança

de rua. Luana Catarine, de 9 anos, em sorrisos diz ser apaixonada pela arte de dançar, por isso participa do curso realizado no bairro. Ao seu lado mais de 20 alunos compartilham a pista, entre eles uma das veteranas do grupo, Ruth Pires, de 14 anos, que participa do projeto desde o início em 2004.

As aulas de dança de rua gratuitas foram idealizadas pelo pioneiro nesta arte em Campo Grande, Edson Cler, diretor do Grupo Funk-se. Ele convidou o dançarino Marcio Oliveira, de 23 anos, para ensinar as crianças e adolescentes da comunidade, no projeto financiado pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (Fundac), que se transformou no Enjoy. Os meninos e meninas do grupo participam de competições estaduais e nacionais.

Valorizar a o desenvolvimento pessoal é considerado a meta do curso de dança de rua no Maria Aparecida Pedrossian. “O nosso objetivo é fazer acontecer, formar pessoas”, com essas palavras o professor Marcio demonstra como a dança através da disciplina pode transformar o tempo livre dos alunos em aprendizado.

Foto: Laís Camargo



Participativos - Jovens reúnem-se aos sábados para as atividades que incluem até mutirões de combate à dengue

Parceria

Grupo de escoteiros fundado há 5 anos participa de brincadeiras e ações sociais

LÍRIO BRANCO

Sempre ALERTA NA praça DO MARIA PEDROSSIAN

Laís Camargo

Uma sociedade em miniatura. Com estrutura definida entre chefes, pioneiros, seniores, escoteiros e lobinhos, o Grupo Escoteiro Lírio Branco é exemplo para os moradores do bairro Maria Aparecida Pedrossian. São 38 pessoas envolvidas, que se reúnem todos os sábados das 14 às 17 horas na praça que marca o início do bairro. A faixa etária abrange jovens dos seis aos 21 anos, além de adultos voluntários. “É um tipo de escola, nós trabalhamos sobre seis aspectos, o social, intelectual, afeti-

vo, espiritual, físico e o do caráter”, avalia a veterana Angélica Cortina Fiedler, que está há 15 anos no movimento escoteiro e ajuda a coordenar as atividades do Lírio Branco.

Além das atividades realizadas, o compromisso com o bem-estar social é marca registrada. O Maria Aparecida Pedrossian foi considerado bairro pioneiro no combate à dengue, e foram os escoteiros que chegaram antes dos agentes de saúde nas casas. “Eles passaram orientando os moradores e limpando locais de água parada. Constantemente recebemos visitas de acadêmicos para dar palestras, como o pessoal de Biologia da UFMS que veio

há pouco tempo”, conta a chefe Geni Cortina, de 57 anos, que também tem outros laços com o bairro.

Ela conta que, na época da construção das primeiras casas do Maria Aparecida Pedrossian, vinha pela empresa em que trabalhava trazer o combustível usado nas máquinas. “Sempre pedia a Deus para ter uma daquelas casas. Um

dia sonhei com Nossa Senhora, ela me dizia para ler o jornal porque teria uma surpresa para mim”, lembra Geni. A surpresa foi o financiamento de sua casa própria, onde mora até hoje com os dois filhos.

Inclusão sem dogmas

Mesmo com o catolicismo evidenciado no nome do grupo, devido ao símbolo carregado por Santo Antônio, a espiritualidade é tratada sem imposições. Bem como as inclinações do escoteiro são respeitadas. Por exemplo, é possível tirar especialidades como serviço, meio ambiente, cultura, desportos, ciência e tecnologia. Todas elas são marcadas em forma de insígnias costuradas à camiseta. “Eles batalham para conseguir as especialidades que mais se identificam. Não é só no sábado, lá em casa é de segunda a segunda”, enfatiza Angélica.

Aos sábados, as atividades executadas iniciam com o hasteamento da bandeira e seguem com jogos voltados para o desenvolvimento dos seis aspectos trabalhados. Divididos em patrulhas, a Chacal e a Coruja, grupos menores cumprem tarefas dadas pelos instrutores, como montar um tripé de madeira com nós feitos por eles, ou desvendar um quebra-cabeças, por exemplo. “Quando comecei tinha 5 anos, era a mascote. Lembro que vinha para me divertir, mas tem que vir para se desenvolver. É bom para esquecer da rotina. Todo sábado é diferente, construímos uma família”, conclui Angélica.

A alcatéia dos “lobinhos” aprende as leis escoteiras sem rodeios. “Temos que ouvir os velhos lobos e falar sempre a verdade. Eu gosto das atividades intelectuais”, afirma Amanda Stuermer, de 10 anos, que participa do grupo há um ano. Os clássicos acampamentos não podem faltar e são oportunidade de desenvolver as habilidades adquiridas, além da diversão e companheirismo naturais. No caso do Lírio Branco, fundado há cinco anos, eles acontecem duas vezes ao ano.

Foto: Laís Camargo



Patriotismo - Patrulha hasteia a bandeira do Brasil em árvore localizada na praça